

OS MORTOS ESTÃO VOLTANDO...: O SENTIMENTO DE LUGAR E A PERSPECTIVA DA EXPERIÊNCIA EM “A HISTÓRIA DOS APARECIDOS”, DE MIA COUTO

The deads are coming back...: the feeling of place and the perspective of the experience in “A história dos aparecidos”, by Mia Couto
Márcia Manir Miguel Feitosa¹

RESUMO

Objetiva-se nesse artigo a análise de um dos contos do escritor moçambicano Mia Couto que integram o livro “Vozes anoitecidas”, publicado em 1986 e considerada a obra inaugural da extensa produção ficcional do autor. A abordagem tem como foco a perspectiva do espaço, visto sob o viés da Geografia Humanista Cultural, em que pese a interrelação entre espaço geográfico, representação literária e paisagem. Tais reflexões serão desenvolvidas à luz dos postulados teóricos de Yi-Fu Tuan e Eric Dardel, no que tange à expressão da ideia de lugar ora sob o prisma da experiência, ora sob o da existência, respectivamente.

Palavras-chave: Espacialidade. Fenomenologia. Representação literária.

ABSTRACT

In this article is analysed one of the tales of the Mozambican writer Mia Couto that integrates the book “Vozes anoitecidas” (1986). The approach has a focus on the space perspective, seen under the slant of Cultural Humanistic Geography, on what stands out the interrelationship between geographic space, literary representation and landscape. Such reflections will be developed under the light of the theoretical postulates of Yi-Fu Tuan and Eric Dardel, concerning the idea of place expression under the experience prism, or under the existence one, respectively.

Keywords: Spaciality. Phenomenology. Literary representation.

¹ Professora Associada Nível IV da Universidade Federal do Maranhão (UFMA). Vice-líder do Grupo de estudos em paisagem nas literaturas de língua portuguesa. marciamanir@hotmail.com.

✉ Rua Paula Frassinetti, 140, Quintas do Calhau. São Luís, MA. 65067-550.



Os mortos estão voltando...: o sentimento de lugar e a perspectiva da experiência em “A história dos aparecidos, de Mia Couto
Márcia Manir Miguel Feitosa

*[...] Parecia o enorme coração de Antares a dobrar
finados pelos seus vivos e pelos seus mortos. Corri
para a sacada, levado pelo meu instinto jornalístico.
Entrefechei os olhos por causa do clarão meridiano
e escrutei o largo... Meu coração rompeu numa
disparada não mais no peito, mas já na garganta.
Voltei-me para dentro da sala e exclamei: “Os mortos
estão chegando! Os mortos estão chegando!”*

Érico Veríssimo

INTRODUÇÃO

As narrativas que compõem “Vozes anoitecidas” primam pela excelência de serem histórias em que contracenam, no mesmo palco, o ilogismo, o drama, a angústia e a miséria, enlaçados em personagens cuja realidade sufoca e cria impressões imagéticas que fazem doer e, ao mesmo tempo, desconcertar a vida.

Publicado em 1986 e o abre-alas da extensa produção ficcional que depois conduziria à consagração o escritor moçambicano Mia Couto, “Vozes anoitecidas”, por meio de doze contos inaugurais, suscita olhares múltiplos que ora vagueiam pelo insólito e pelo fantástico, ora repousam nas simbologias de seu mundo próprio, fruto da iluminada moçambicanidade, resultado de um esforço em prol da construção de uma imagem peculiar para o país (MATUSSE, 1998). Assim, laureado com o Grande Prémio da Ficção Narrativa de 1990, possibilita leituras surpreendentes que procuram abarcar a complexidade dos sonhos alimentados por seus personagens em pleno estado de ignorância.

Dentre as leituras possíveis está a da espacialidade não só narrativa, mas, e sobretudo, geográfico-cultural. O que pretendemos com essa análise é lançar um olhar sobre os postulados da Geografia Humanista Cultural no que diz respeito às questões relacionadas à ideia de espaço,

lugar e paisagem. À luz da subjetividade e da experiência, destacaremos a percepção do meio ambiente a partir dos livros “Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente” (1980) e “Espaço e lugar: a perspectiva da experiência” (1983), do geógrafo sino-americano Yi-Fu Tuan. De Eric Dardel ressaltaremos os princípios ontológicos que devem permear os estudos geográficos, inseridos não mais no estrito positivismo, mas no significado filosófico da fenomenologia-existencialista.

O que pretendemos é compreender como o espaço em “Vozes anoitecidas”, especialmente no conto “A história dos aparecidos”, se configura “como a esfera da possibilidade da existência da multiplicidade, no sentido da pluralidade contemporânea, como a esfera na qual distintas trajetórias coexistem; como a esfera, portanto, da coexistência da heterogeneidade”. (MASSEY, 2008, p. 29).

A GEOGRAFIA HUMANISTA CULTURAL E OS ASPECTOS SUBJETIVOS DA ESPACIALIDADE

Enquanto campo disciplinar autônomo, a Geografia Humanista Cultural objetiva o estudo dos fenômenos geográficos com vistas à incorporação da dimensão subjetiva para o melhor entendimento da condição humana. Tal entendimento se dá por meio do estudo das relações do homem com a natureza, do seu comportamento geográfico e de seus sentimentos e noções acerca do espaço e do lugar.

Longe de se configurar como uma “geografia comportamental”, a Geografia Humanista Cultural buscou na fenomenologia-existencialista seu suporte filosófico, que desse conta dos aspectos subjetivos da espacialidade. “O método fenomenológico”, portanto, “seria utilizado para se fazer uma descrição rigorosa do mundo vivido da experiência humana e, com isso, através da intencionalidade,

Os mortos estão voltando...: o sentimento de lugar e a perspectiva da experiência em “A história dos aparecidos, de Mia Couto
Márcia Manir Miguel Feitosa

reconhecer as ‘essências’ da estrutura perceptiva”. (HOLZER, 2008, p. 140 – grifo do autor).

Edward Relph (1970), um dos responsáveis por essa perspectiva de estudo, antecipou duas consequências possíveis. A primeira seria a crítica ao positivismo que, a partir do estudo das leis do espaço, adotou procedimentos técnicos de quantificação com a utilização de regras análogas às que são conhecidas nas ciências da natureza. A segunda seria a abordagem holística e unificadora da relação homem-natureza, uma atitude mais aberta e flexível na escolha metodológica e na definição dos objetos.

Além de Relph, Buttimer (1974) sustentou essa tese ao argumentar que o mérito da fenomenologia e do existencialismo para a geografia residia no fato de ambos abrangerem a totalidade do ser, integrando a percepção, o pensamento, os símbolos e a ação. Estava dado, assim, o primeiro passo para a renovação epistemológica da geografia.

Entretanto, o traço que mais identificou a nova geografia, agora conhecida como “humanista”, foram as apropriações dos conceitos de mundo vivido e de ser-no-mundo, este último associado ao conceito de lugar. Semelhante conceito constitui a base das pesquisas desenvolvidas pelo geógrafo Eric Dardel que, em 1952, publicou uma das obras consideradas exemplares no tocante a uma autêntica geografia fenomenológico-existencialista, intitulada “L’homme et la terre: nature de la réalité géographique” (“O homem e a terra: natureza da realidade geográfica”). O marco de suas concepções está na oposição entre espaço geométrico e espaço geográfico. Segundo ele:

O espaço geométrico é homogêneo, uniforme, neutro. Planície ou montanha, oceano ou selva equatorial, o espaço geográfico é feito de espaços diferenciados. O relevo, o céu, a flora, a mão do homem, dão a cada lugar uma singularidade de aspecto.

O espaço geográfico é único; ele tem um nome próprio: Paris, Champanhe, Saara, Mediterrâneo.

A geometria opera sobre um espaço abstrato, vazio de todo conteúdo, disponível para todas as combinações. O espaço geográfico tem um horizonte, um modelo, cor, densidade. Ele é sólido, líquido ou gasoso, largo ou estreito: ele limita e ele resiste. (DARDEL, 2011, p. 2).

Logo, o espaço geográfico para Dardel consiste num espaço de vida, concreto e percebido; fenomenológico por excelência. No entanto é preciso insistir que a geografia, do ponto de vista fenomenológico,

não está à procura de significações ocultas por detrás dos fenômenos terrestres, ela não é tampouco o simples levantamento de significações que o sujeito projeta sobre a Terra, mas ela é uma experiência da vida vivida pelo homem comum no encontro consigo mesmo, no contato com o mundo terrestre na orla, por assim dizer, das formas e dos símbolos que nascem, e este esboço de sentido ressoa em nós como um acontecimento, que é o da nossa presença no mundo. A geografia não nos ensina nada do mundo terrestre se nós não percebermos antes que ele é o meio do sentido. (BESSE, 2006, p. 88)

Visto, pois, como um espaço primitivo, o espaço geográfico desencadearia para Dardel a reflexão sobre duas novas categorias, a de lugar e a de paisagem, fundamentais para a nossa análise. De suas versões sobre tais categorias derivam as pesquisas posteriores de Relph e, mais propriamente, as de Yi-Fu Tuan para quem o espaço e o lugar definem a natureza da geografia.

Acerca do conceito de paisagem, Dardel acentua, nesse livro já comentado, que ela não é um espetáculo em sua essência. Nas palavras de Jean-Marc Besse, Dardel quis salientar que

a paisagem exige, para ser, um corpo de carne, um olhar encarnado, um olhar vivo, em outras palavras, um ímpeto, uma

Os mortos estão voltando...: o sentimento de lugar e a perspectiva da experiência em “A história dos aparecidos, de Mia Couto
Márcia Manir Miguel Feitosa

intencionalidade presente e que atravessa o espaço que se abre entre o aqui e o distante. Em suma, não há paisagem sem profundidade, uma profundidade que se dá a ver sob a forma de uma presença nos longes, de um ser na distância que significa o espaço da vida. A profundidade da paisagem é a da existência. (BESSE, 2006, p. 92)

Em síntese, a paisagem é a expressão da existência, o “irrepresentável”. Ela não se fecha em si mesma, antes estende o olhar para um além, para a abertura do sentido e da história, para a cultura enfim. Marcada pela historicidade, ela “diz ao ser humano a contingência da existência e a necessidade da obra e da ação” (BESSE, 2006, p. 95).

Já quanto ao lugar, nada melhor do que Tuan para sustentar sua importância no contexto da geografia humanista. Segundo o geógrafo chinês, o valor e a significação que os seres humanos atribuem aos lugares não encontram paralelo no mundo animal, vide os santuários dedicados ao nascimento e à morte. O foco do olhar para o geógrafo humanista será entender como um espaço simples se transforma em lugar, valendo-se da “natureza da experiência, da qualidade da ligação emocional aos objetos físicos, das funções dos conceitos e símbolos na criação da identidade do lugar” (TUAN, 1982, p. 149-150).

Em 1983, Tuan publica “Espaço e lugar: a perspectiva da experiência”, livro que definirá os conceitos-chave da natureza da geografia, dentre elas a experiência, com a finalidade de compreender como o homem percebe e sente o espaço e o lugar. Num texto intitulado “Place: an experiential perspective” (“Lugar: uma perspectiva experiencial”), publicado em 1975, na *The Geographical Review*, Tuan define a experiência como sendo “a cover-all term for the various modes through

which a person knows his world.” (TUAN, 1975, p. 151). Essa mesma ideia descortina o segundo capítulo de “Espaço e lugar” e se desenvolve de modo mais amplo, de modo a abarcar detalhadamente os órgãos dos sentidos e sua capacidade de gerar experiência em relação ao espaço.

“Experienciar”, na ótica de Tuan, “é aprender; significa atuar sobre o dado e criar a partir dele. O dado não pode ser conhecido em sua essência. O que pode ser conhecido é uma realidade que é um constructo da experiência, uma criação de sentimento e pensamento” (TUAN, 1983, p. 10). Contrariamente à noção de passividade e acomodação, o que Tuan defende é a atuação sobre o experimento e o espírito de aventura.

Sua concepção de espaço abarca o que é abstrato, amplo e livre, ao passo que o lugar implica a concretude, a segurança e a estabilidade. Lembra, entretanto, que, do ponto de vista experimental, o significado de espaço se funde com o de lugar e que ambas as ideias não podem ser concebidas ou definidas sem a outra, sendo, pois, interdependentes. Enquanto lugar é pausa, o espaço é movimento, complementa Tuan.

Caracterizado a partir da experiência, o lugar deveria ser pensado em suas diferentes escalas, a começar pelo próprio lar, pela vizinhança, pela cidade, pela região e pelo estado-nação. De acordo com Tuan, para além de significar posição na sociedade e localização espacial, o lugar detém um significado mais profundo, relacionado ao espírito e à personalidade; ao sentido, enfim.

Em “A história dos aparecidos”, procuraremos compreender como se constrói esse sentido do lugar a partir da experiência vivenciada pelos personagens Luís Fernando e Aníbal Muscavel quando decretados mortos pela aldeia onde nasceram. Como são percebidos tanto o espaço quanto a paisagem, vistos sob o prisma da essência do vivido,

² “[...] um termo abrangente para os vários modos através dos quais uma pessoa conhece seu mundo” – tradução livre.

Os mortos estão voltando...: o sentimento de lugar e a perspectiva da experiência em “A história dos aparecidos, de Mia Couto
Márcia Manir Miguel Feitosa

em que se fundamenta a intersubjetividade na experiência com o outro.

O INCIDENTE (ACIDENTE?) EM “A HISTÓRIA DOS APARECIDOS”: A TENTATIVA DE AFIRMAÇÃO DA IDENTIDADE

Nesse conto singular de dois personagens os quais, após uma grande enchente em alguma aldeia de Moçambique, desaparecem e são dados como mortos mas que, inexplicavelmente, retornam vivos, “a saltar a fronteira do mundo”, o que nos surpreende é o seu caráter ao mesmo tempo humano e desumano: frio e calculista por um lado e generoso e fraterno por outro. “A história dos aparecidos” lembra o clássico “Incidente em Antares”, de Érico Veríssimo, em que os mortos voltam para cobrar dos vivos mais transparência das elites políticas, opressoras do povo e mantenedoras do *status quo*. Apenas lembra, pois caminha em outra direção ainda que não terminantemente oposta.

O décimo conto de “Vozes anoitecidas” trata do aparecimento de dois afogados tidos como definitivamente mortos durante a enchente que assolou a aldeia, “puxada pelas raízes”. Rechaçados pelos habitantes da aldeia, Luís Fernando e Aníbal Muscavel acabam por ser obrigados a se explicar para as autoridades do lugar, uma vez que não configuram mais como cidadãos, dada a morte decretada. Deixam de ser pessoas para serem um “assunto de Estado”, em que se torna imprescindível a apresentação de provas de que estão de fato vivos. A tristeza toma conta dos dois “aparecidos” até que Samuel, o professor, resolve abrigá-los e defender a sua causa. A desconsideração não implicava somente os ditos mortos, mas também os vivos destituídos de prestígio e poder. O mais insólito foi reconhecer que sequer a ação heroica de ambos durante um certo ataque de bandidos, quando ainda eram contados como moradores, surtiu algum efeito para que

pudessem ser aceitos pela aldeia. O impasse finalmente se resolve quando uma comissão previamente formada e acompanhada por um jornalista decide reaceitá-los sob a condição de que não repetissem o ato novamente, sob pena de que não haveria mais clemência. E o conto se encerra com os personagens protagonistas a tomarem as primeiras providências legais para se reintegrarem ao mundo dos vivos.

O efeito de estranhamento que o conto nos provoca é evidente. Como nos colocar passivos diante da situação inusitada por que passam Luís Fernando e Aníbal Muscavel? Como não considerar absurda a posição da comissão encarregada de decidir sobre a vida de ambos ao ameaçá-los de inclemência se repetissem o ato de saírem da aldeia ou da vida? Como enfim entender que o melhor é não “desorganizar a tristeza”?

Maria Aparecida Santilli, no artigo “O fazer-creer, nas histórias de Mia Couto”, destaca, ao analisar dois dos contos de “Vozes anoitecidas”, que “os deserdados e visionários” criados por Couto, “por se defrontarem com a brutalidade de uma realidade determinada a não aceitar transgressões, vistos sob o prisma do sentido, consumam-se, efetivamente, como um signo de resistência.” (SANTILLI, 1999, p. 107). É o que identificamos em “A história dos aparecidos”. Samuel, o professor (e essa condição não é por acaso) é quem incita os dois rapazes a abraçarem a causa da resistência em prol de uma vida mais justa para todos, vivos e “semivivos”. Diante da opressão a que estão sujeitos, brota a vida como objeto de busca a partir do esclarecimento de que a mudança é possível. Pela via da educação é que se dá o entendimento de que é preciso lutar por uma causa social nobre, ainda que por caminhos tortos e mal traçados, situados para além da fronteira da vida.

O caráter transgressivo do conto, assim, se revela tanto no plano do enunciado, quanto no da enunciação, na medida em que se instaura

Os mortos estão voltando...: o sentimento de lugar e a perspectiva da experiência em “A história dos aparecidos, de Mia Couto
Márcia Manir Miguel Feitosa

o inusitado da narração em meio a uma tentativa de oposição dos personagens ao que estava estabelecido. Mia Couto transgride ao narrar o insólito com ares de verdade e ao dar voz aos oprimidos para que façam a sublevação.

Mas e o espaço? Qual o seu papel para a conformação da transgressão sobre a qual o conto se debruça? De que modo a percepção espacial interfere na tomada de decisões dos principais personagens envolvidos, Luís Fernando, Aníbal Muscavel e o professor Samuel? Qual a importância de se determinar o “onde” para a recuperação da cidadania dos ditos afogados?

Desde as primeiras linhas do conto, o leitor é surpreendido com a constatação do narrador de que a fronteira entre a morte e a vida não deve ser ultrapassada, a fim de que não se instale o caos, ou melhor, a fim de que não se configure o estado anterior ao fato acontecido. Uma vez decretada a morte, tudo que gira ao seu redor deverá obedecer aos rituais previstos, a contar pela expressão da mais profunda tristeza. Ao lado dessa manifestação de sentimento, está a certeza de que não há mais o lugar demarcado, definido como um objeto de posse, responsável pela afirmação da identidade do sujeito.

Esse panorama insólito nos é apresentado à medida que passamos a acreditar que tanto Luís Fernando, quanto Aníbal Muscavel não foram pescados pelo rio furioso que engoliu vários dos moradores da aldeia após uma terrível enchente. O retorno dos desaparecidos à vida implica o retorno à intimidade e à convivência, ao ambiente afetuoso do acolhimento. E isso se torna agora um obstáculo para que a aldeia tome seu curso. É preciso, pois, impedir o retrocesso, mesmo que à força: “— Vão donde que vieram. Não adianta tentarem alguma coisa: serão rechaçados.” (COUTO, 2002, p. 134). Ainda que, num primeiro momento, vazia de sentido, a ordem imposta pelo milícia ganha

poderes de ação à proporção que cada vez mais a vida se sobrepõe à morte.

Em decorrência do novo que teima em se instituir, advém o problema mais grave: onde morar já que não são mais contados como cidadãos? O antropólogo Marc Augé sustenta que “se um lugar pode se definir como identitário, relacional e histórico, um espaço que não pode se definir nem como identitário, nem como relacional, nem como histórico definirá um não-lugar”. (AUGÉ, 2008, p. 73). Assim, como a aldeia não mais os aceita em seu ninho, ambos perdem seu ponto de referência que os identifica como seres históricos e relacionais. O lugar, enquanto espaço estruturado, perde sua significação para Luís Fernando e Aníbal Muscavel que se sentem excluídos dos interesses sociais da aldeia, como ressalta Yi-Fu Tuan no texto “Place: an experiential perspective”: “Place is created by human beings for human purposes”³ (TUAN, 1975, p. 165). Sem propósitos, como aquele em que foram considerados heróis por terem defendido com armas a aldeia, por que continuar vivendo? Por que não admitir que “um homem arrastado como peixe só procura o ar, não se interessa de mais nada”?

Sob o prisma da paisagem, na concepção de Eric Dardel, os aparecidos procuram exprimir sua ligação com a aldeia ao tentarem se reaproximar do mundo conhecido, ao tentarem manter a relação viva entre eles e a natureza, representada pela comunidade de onde foram “subtraídos” sumariamente. O que se impõe, entretanto, não é o sentir que caracteriza a noção de paisagem, mas a percepção, a definição de estados, posições e situações no interior de um espaço/tempo coordenado. A exigência das autoridades e da comissão de inquérito para que tanto Luís Fernando quanto Aníbal Muscavel provem que estão vivos e que constituem de fato uma “realidade

³ “O lugar é criado pelos seres humanos para propósitos humanos” – tradução livre.

Os mortos estão voltando...: o sentimento de lugar e a perspectiva da experiência em “A história dos aparecidos, de Mia Couto
Márcia Manir Miguel Feitosa

materialista” nada mais é do que o espaço da percepção, onde tudo deve ser objetivável e sistematizado.

As falas das autoridades revelam que não há horizonte a se vislumbrar quando se é decretado morto ou mesmo quando o “morto” retorna vivo. O espaço convencional passa a não ser permanente, o que obriga os protagonistas a lutarem pela sua readmissão no sistema.

— Não interessa se morreram completamente. Se estão vivos ainda é pior. Era melhor ter aproveitado a água para morrerem-se.

[...]

— Para abastecer a vocês temos pedir reforço das quotas. Como vamos justificar? Que temos alma para dar comida? (COUTO, 2002, p. 135-136).

Entristecidos com tal panorama de coisas que se lhes apresenta, Luís Fernando e Aníbal Muscavel passam a duvidar de que estão realmente vivos e Aníbal, certamente o mais sensível, resolve refletir sobre sua nova condição.

— Meu Deus, como somos injustos com nosso corpo. De quem nos esquecemos mais? É dos pés, coitados, que rastejam para nos suportar. São eles que carregam tristeza e felicidade. Mas como estão longe dos olhos, deixamos os pés sozinhos, como se não fossem nossos.

“Só por estarmos em cima, calcamos os nossos pés.” Assim começa a injustiça neste mundo. Agora, neste caso, os pés sou eu e Luís, desimportados, caídos na poeira do rio. (COUTO, 2002, p. 137).

A ideia de se sentirem excluídos e destituídos de lugar suscita em Aníbal a associação metafórica com as partes do corpo humano que se encontram distantes entre si, mas não menos importantes. Sem olhos para poderem dominar o mundo, restam-lhes os pés com os quais precisam suportar a dor da injustiça, do não-pertencimento.

Na tentativa de solucionar o impasse, Aníbal propõe a vida no mato, ao lado dos bichos, longe do contato com aqueles que não os reconhecem como gente. Buscam, portanto, a paisagem onde seria possível a restituição da vida, “o mundo como solo e centro original das referências do pensamento e da ação, mais precisamente, talvez, o mundo como Terra e Céu”. (BESSE, 2006, p. 82). Uma paisagem em que poderiam se sentir acolhidos, numa clara relação topofílica que ganharia ares de *locus* e, posteriormente, de lugar.

A propósito do sentimento afetivo a um lugar a que Tuan atribuiu o nome de “topofilia”, o próprio Tuan acentua que “a topofilia não é a emoção humana mais forte. Quando é irresistível, podemos estar certos de que o lugar ou meio ambiente é o veículo de acontecimentos emocionalmente fortes ou é percebido como um símbolo.” (TUAN, 1980, p. 107). Observamos que a aldeia para os protagonistas acaba por se tornar o palco de acontecimentos tão fortes que decidem lutar em nome de um ideal maior, símbolo da resistência à opressão. Diante da dúvida, Samuel consegue convencê-los de que o lugar deve ser defendido até o fim.

— Você, Samuel, sabe as coisas da vida. Não acha que é melhor sairmos, escolhermos outro lugar?

— Não, Aníbal. É melhor ficar. Não-de conseguir, tenho a certeza. E depois, um homem que abandona um sítio porque foi derrotado, esse homem já não vive. Não tem mais lugar para começar. (COUTO, 2008, p. 139).

Como afirma Tuan (1975, p. 165): “*To remain a place it has to be lived in. [...] To live in a place is to experience it, to be aware of it in the bones as well as with the head.*”⁴ Esse estado de consciência é que vai garantir que ambos permaneçam na aldeia e levantem a bandeira da não-sujeição,

⁴ “Para se manter um lugar, este tem que ser habitado. [...] Viver um lugar é experienciá-lo, é ter consciência dele tanto nos ossos quanto na cabeça.” – tradução livre.

Os mortos estão voltando...: o sentimento de lugar e a perspectiva da experiência em “A história dos aparecidos, de Mia Couto
Márcia Manir Miguel Feitosa

passando assim de “infiltrados”, de “desimportados”, de “indeferidos”, de “elementos” para “camaradas” e, portanto, “população existente”. Agora poderão ser contados no abastecimento.


CONSIDERAÇÕES FINAIS

No texto de abertura de “Vozes anoitecidas”, Mia Couto resume em poucas palavras, sabiamente poéticas, como o conjunto dessas histórias nasceu dentro dele e como foram esculpidas segundo um olhar muito especial, de quem soube que elas de fato aconteceram, ainda que à margem, num mundo distante. A maioria dessas narrativas trata de vozes que, em função da “ausência de tudo”, não se iludem com o desejo do sonho. Antes sucumbem e deixam morrer a mais leve esperança.

“A história dos aparecidos” compõe esse universo da exceção. A princípio, Luís Fernando e Aníbal Muscavel igualaram-se àquelas vozes do abatimento diante da constatação de que teria sido melhor não terem retornado à vida. Seu regresso inesperado implicou, conseqüentemente, no aumento populacional que prejudicou o esquema de desvio de donativos. O apagamento de seus nomes gerou, como consequência, a destituição do lugar, do sentimento que nutriam pela paisagem original de sua aldeia. Foi preciso reconquistar o espaço geográfico no sentido de sua representação social, sistematizada e cartográfica para, assim, se sentirem novamente aceitos e em condições de tornar tal espaço um lugar ideal para promover a igualdade e o acolhimento, ainda que a longo prazo.

Não foi por acaso que o alimento do sonho tenha sido fornecido pela educação, na figura do professor Samuel. Pela via do esclarecimento foi possível transpor os meandros da ignorância, de modo a fazer valer

o direito à realização não só pessoal, mas coletiva. Munidos do espírito de luta, os aparecidos conseguiram romper a “fronteira da sombra” e reorganizar as vozes, em uníssono. Não mais vozes anoitecidas, portanto, antes luzes a reivindicar a participação na história.

Entretanto, o enraizamento num lugar não é o que exprime a relação desses aldeões com sua terra. Antes, e mais uma vez mais recorremos a Dardel, é a liberdade humana que escolhe os lugares que constituirão sua marca. Livres, os habitantes da aldeia constroem na história a sua situacionalidade. É na espacialidade que o homem dá sentido a sua existência de ser-no-mundo. 

REFERÊNCIAS

AUGÉ, Marc. **Não-lugares**: introdução a uma antropologia da supermodernidade. (Trad. de Maria Lúcia Ferreira) Campinas: Papyrus, 2008. 112p.

BESSE, Jean-Marc. **Ver a Terra**: seis ensaios sobre a paisagem e a geografia. (Trad. de Vladimir Bartolini) São Paulo: Perspectiva, 2006. 108p.

BUTTIMER, Anne. **Values in Geography**. Washington: Association of American Geographers (Commission on College Geography), Research Report, n. 24, 1974. 58p.

COUTO, Mia. **Vozes anoitecidas**. Lisboa: Editorial Caminho, 2002. 170p.

DARDEL, Eric. **O Homem e a Terra**: natureza da realidade geográfica. (Trad. de Werther Holzer) São Paulo: Perspectiva, 2011. 176p.

HOLZER, Werther. A geografia humanista: uma revisão. In: **Espaço e cultura – edição comemorativa (1993-2008)**. Rio de Janeiro: UERJ, NEPEC, p. 137-147, 2008.

Os mortos estão voltando...: o sentimento de lugar e a perspectiva da experiência em “A história dos aparecidos, de Mia Couto
Márcia Manir Miguel Feitosa

MASSEY, Doreen. **Pelo espaço**: uma nova política da espacialidade. (Trad. de Hilda Pareto Maciel e Rogério Haesbaert) Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008. 312p.

MATUSSE, Gilberto. **A construção da imagem de moçambicanidade em José Craveirinha, Mia Couto e Ungulani Ba Ka Khosa**. Maputo: Universidade Eduardo Mondlane, Livraria Universitária, 1998. 206p.

RELPH, Edward C. An inquiry into the relations between phenomenology and geography, **The Canadian Geographer/Le Géographe canadien**, v. 14, n. 3, p. 193–201, set. 1970.

SANTILLI, Maria Aparecida. O fazer-crer, nas histórias de Mia Couto. **Revista Via Atlântica**, São Paulo, n. 3, p. 98-109, 1999.

TUAN, Yi-Fu. Place: an experiential perspective, **Geographical Review**, Nova York, v. 65, n. 2, p. 151-165, abr. 1975.

_____. **Topofilia**: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente. (Trad. de Lívia de Oliveira) São Paulo: Difel, 1980. 288p.

_____. Geografia humanística. In: CHRISTOFOLETTI, A. (Org.) **Perspectivas da geografia**. São Paulo: Difel, 1982. p. 103-141.

_____. **Espaço e lugar**: a perspectiva da experiência. (Trad. Lívia de Oliveira) São Paulo: Difel, 1983. 249p

VERÍSSIMO, Érico. **Incidente em Antares**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006. 440p.

Submetido em Novembro de 2012.

Revisado em Dezembro de 2012.

Aceito em Janeiro de 2013.